

ISSN 1981-1381

AS INFLUÊNCIAS DA REALIDADE SOCIOCULTURAL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO¹

THE INFLUENCES OF THE SOCIOCULTURAL REALITY OF THE FAMILY IN THE LITERACY PROCESS

**Andréia Uliana Tagliapietra², Angélica Ferreira²,
Eliana Machado e Silva² e Guacira Azambuja³**

RESUMO

Neste artigo, revelam-se dados de uma investigação realizada com a 1ª série de um educandário, do município de Dona Francisca, com o objetivo de conhecer as influências da realidade sociocultural da família no processo da alfabetização desses alunos. A realização da pesquisa justifica-se pelas dificuldades vivenciadas em sala de aula pelos educandos e educadores. Os dados foram coletados por meio de questionários e observações. Participaram da pesquisa sete educandos, um professor e seis famílias. Identificaram-se os fatores socioculturais e como a escola trabalha com as diferenças trazidas pelos alunos. A família é o grupo social em que o educando está inserido e recebe influências do contexto sociocultural. Para a família, cabe a educação informal e, para a escola, a educação formal, assim qualquer projeto educacional que a escola desenvolva depende da participação da família. Constatou-se com a pesquisa que a realidade sociocultural da família interfere no processo de alfabetização do educando.

Palavras-chave: educação fundamental, ensino-aprendizagem.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmicas do Curso de Pedagogia - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

ABSTRACT

In this article some data is shown from a study conducted with the first grade of a school in the town of Dona Francisca, in order to know the influences of the socio-cultural reality of the family in the process of literacy of these students. The research is justified by the difficulties experienced in the classroom by students and educators. The data were collected through questionnaires and observations. Seven students participated in the survey, one teacher and six families. It was identified the socio-cultural factors and how the school works with the differences brought by the students. The family is the social group from which the subject receives cultural influences. The family provides informal education and the school formal education, so any educational project that the school may develop depends on the participation of the family. It was found through research that the socio-cultural reality of these families interferes in the literacy process.

Keywords: elementary school, teaching-learning.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, propõe-se a realizar uma análise a respeito das influências da realidade sociocultural da família no processo de alfabetização de alunos de 1ª série, a fim de verificar as suas interferências nesse contexto. Para trabalhar essa temática, utilizou-se como referências os autores: Ferreiro Teberosky (1985), Dayrell (1999) e Vygotsky (1988).

O mundo sociocultural da criança é a família, mas nem sempre esta lhe ajuda a desenvolver habilidades decorrentes do ambiente escolar. Acredita-se que a existência de experiências apresentadas pelas crianças ocorra devido às influências de aspectos sociais e culturais (comportamentos, valores, crenças, costumes) que a criança vivencia fora do ambiente escolar. Dentre elas estão aquelas referentes ao conhecimento do mundo letrado.

Percebeu-se, por meio da realização dos estágios supervisionados I e II, as dificuldades vivenciadas em sala de aula pelos educandos e educadores frente às influências socioculturais trazidas pelas crianças, por isso pesquisou-se a respeito dessas interferências no processo de alfabetização. Para tanto, utilizou-se a metodologia estudo de caso, do tipo etnográfico. Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram: questionário semiaberto com a família e aberto com a professora, bem como observação dos alunos na turma.

REVISÃO DE LITERATURA

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Alfabetizar alunos é tarefa da escola, no entanto, ela tem se distanciado da realização de um trabalho mais individualizado que respeite a singularidade de cada ser, pois cada um tem seu jeito e modo de aprender. Conforme Dayrell, “o que cada um é, ao chegar à escola, é o fruto de um conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais” (1999, p. 140).

As crianças, desde seu nascimento, começam a fazer a leitura do mundo, pois interpretam o que ouvem e veem, pensam e refletem a partir do que já conhecem. Segundo Ferreiro (1985, p. 140),

a instituição social criada para controlar o processo de aprendizagem é a escola. Logo, a aprendizagem deve realizar-se na escola. Felizmente, as crianças de todas as épocas e de todos os países ignoram esta restrição. Nunca esperam completar 6 anos a ter uma professora a sua frente para começarem a aprender. Desde que nascem são construtoras de conhecimentos. No esforço de compreender o mundo que as rodeia, levantam problemas muitos difíceis e abstratos e tratam por si próprias, de descobrir respostas para eles.

A criança, no seu ambiente, tem contato com uma diversidade de informações. Algumas despertam para a leitura, interpretação e escrita mais cedo, outras mais tarde, independente da instituição escolar. Elas têm contato com cartazes de rua, jornais, revistas, televisão, bilhetes, cartas, isto é, têm contato com o mundo da escrita que as rodeia desde seu nascimento. Para Emilia Ferreiro (2001, p. 44-45), “algumas crianças chegam a descobrir os princípios fundamentais do sistema antes de iniciarem a escola, ao passo que outras estão longe de conseguir fazê-lo”.

A instituição escolar deve cumprir seu importante e insubstituível papel, que é dar condições para que a criança descubra por si mesma o sistema alfabético. O professor, como agente de mudança, deve inserir-se no processo de alfabetização e não considerar o problema da aprendizagem da leitura e da escrita como uma questão de método, mas sim a busca pela efetivação de um caminhar pleno pelo mundo que cerca a criança.

Para Ferreiro (2001, p. 39),

a transformação dessas práticas é realmente difícil, já que obriga a redefinir o papel do professor e a dinâmica das relações sociais dentro e fora da sala de aula. [...] o professor não é mais o único que sabe ler e escrever na sala de aula, todos podem ler e escrever, cada um o seu nível.

É importante que o professor saiba que a alfabetização envolve o ato de ensinar a aprender a ler e escrever. É um processo de construção que envolve a criança e se inicia antes da sua entrada na escola.

Emília Ferreiro (2001) conceitua alfabetização como um processo de construção de um sistema de representação. Infere-se que é um processo construído gradativamente, em que a compreensão do sistema de escrita ocorre por meio desse sistema de representação.

A criança precisa compreender a escrita como a representação da fala e não como objeto a que se refere. A escrita envolve o aprendizado de diversas questões como as de ordem conceitual e não somente o treino de habilidades executoras da ação, isto é, habilidades perceptivas e sensório-motoras. Logo, a criança aprende a ler e escrever pela possibilidade de pensar sobre o objeto de conhecimento tal como ele é, ou seja, pensa acerca da escrita com todas as suas possibilidades, como um processo de construção de conhecimentos.

Considerando, portanto, a alfabetização como um processo de construção gradativa do sistema de escrita que se inicia no período anterior à entrada na escola, evidencia-se a importância da realidade sociocultural familiar para que essa aprendizagem ocorra com tranquilidade e sucesso esperado no contexto escolar.

A FAMÍLIA E A ESCOLA

A relação família e escola é um assunto discutido por educadores e especialistas em educação e está expressa na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN Nº 9394/96, em seu Art. 2º, que aborda o seguinte:

a Educação, dever da família e do Estado inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A obrigação da família com o processo de escolarização é publicamente reconhecida na LDBEN, pois a família, historicamente, é considerada a responsável pela educação de seus filhos, além de ser o primeiro grupo social, do qual fazem parte e recebe as primeiras influências, por meio de valores, princípios e conhecimentos familiares, que constituirão parte de seu caráter. Eis mais um motivo para que ela receba atenção especial.

A pedagogia familiar utiliza diferentes estratégias para assegurar as aprendizagens e ensinamentos que julga necessário à educação. Nesta, cada família escolhe, defende e transmite determinados princípios aos seus filhos seja pela sua maneira de pensar, falar e agir.

Conforme Oliveira (2002, p. 15),

à família cabe a educação informal, socialização primária e transformação do homem em ser social típico e a escola, a educação formal, socialização secundária, correspondente a posterior inserção do homem em novos setores institucionais.

É também nesse âmbito que se encontra espaço para momentos de verdadeira paz, amor e relaxamento, em que a maioria dos jovens se sente segura e valorizada. Nesse sentido, a efetiva participação da família no desenvolvimento escolar dos filhos proporciona-lhes segurança em seu aprendizado.

Qualquer projeto educacional que a escola desenvolve depende da participação familiar. Portanto, a participação dos pais é importante para a escola e para o filho. Pais e escola devem educar juntos para um bem maior em favor da criança. A criação de um verdadeiro cidadão, construtor de um futuro melhor para as próximas gerações, depende dessa aliança. Não há família que consiga o desenvolvimento integral e harmonioso de seus filhos, se não depositar, na instituição escolar, confiança e sua parcela de contribuição. Não há escola que realize seu trabalho de forma verdadeira, sem contar com a participação dos pais e da comunidade na qual esta inserida.

Segundo Chalita (2001, p. 17-18),

por melhor que seja uma escola, por mais bem preparados que estejam seus professores, nunca a escola vai suprir a carência deixada por uma família ausente. Pai, mãe, avô ou avó, tios, quem quer que tenha a responsabilidade de educação da criança deve participar efetivamente sob pena de a escola não conseguir atingir seu objetivo.

É de suma importância que escola e família trabalhem juntas na construção da aprendizagem, pois ela consiste em um processo que implica na transformação pessoal e não convém pensar em aprendizagem como algo separado da construção do sujeito e da realidade. Para Vygotsky (1988), o indivíduo não nasce pronto, nem é cópia do ambiente externo. Em sua evolução intelectual há uma interação constante e ininterrupta entre processos internos e influência do meio social. Vygotsky (1988) entende que o desenvolvimento é fruto de uma grande influência das experiências do indivíduo.

A família e a escola precisam conviver com suas diferenças e compartilhar seus sucessos e insucessos, para que juntas possam refletir sobre os mais diversos assuntos, trocando informações, aconselhamentos e encontrando caminhos para resolução dos problemas enfrentados. Porém, existem famílias desinteressadas na educação de seus filhos e delegam total responsabilidade à escola por esse processo.

Na escola, muitas vezes, não se conhece a realidade sociocultural em que os educandos estão inseridos, o que dificulta a realização de uma educação de qualidade que, de acordo com Libâneo (1986), é capaz de formar cidadãos que possam intervir na realidade e buscar sempre transformá-la.

A relação entre escola e família nem sempre é fácil. Não são poucas as barreiras de comunicação entre as partes envolvidas nessa relação, porém a interação família-escola é de grande importância para que a escola possa alcançar o seu objetivo de agente transformador do educando em que o professor deve ser o facilitador da aprendizagem, considerando na realização de seu trabalho a realidade do educando, o seu contexto sociocultural.

Escola e família são pontos de apoio e sustentação ao ser humano, portanto, devem caminhar juntas. Nem professor nem família podem trabalhar isoladamente. Vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares. Quanto maior e melhor for o comprometimento de ambas, mais significativo serão os resultados na formação do ser humano.

EDUCAR NA DIVERSIDADE

A diversidade é abordada em virtude da importância de lançar olhares especiais, críticos e comprometidos para a complexidade sociocultural, em que os educandos das primeiras séries do Ensino Fundamental se encontram.

As experiências de leitura e escrita colocam em patamares diferentes o desenvolvimento do processo de alfabetização, assim há crianças que chegam à

escola praticamente alfabetizadas e crianças que ainda precisam ser inseridas em um contexto, diversificado.

Eis um dos desafios da escola, trabalhar para equiparar as condições de acesso ao mundo da escrita e leitura. O ideal não é querer que todos aprendam da mesma forma, como se estivessem seguindo um único padrão. Ao contrário, o que é relevante para a educação é que todos consigam construir o conhecimento de forma significativa e que este possa estar refletido no coletivo, dentro de suas possibilidades.

Também é preciso que o professor encare a diversidade como um aspecto positivo para a construção de seu trabalho; com certeza, mais complexo e minucioso, se quiser atender aos anseios do aprender de cada um na singularidade individual e na pluralidade manifestada no cotidiano escolar.

Nem sempre um mundo repleto de informações visuais de escrita e leitura é suficiente para que a criança chegue à escola quase alfabetizada. É preciso que seja estabelecida uma relação de significados ao que se vê, ou seja, “a presença passiva não é suficiente para que a criança aprenda” (CURTO, 2000, p. 74).

No entanto, a alfabetização envolve a vivência reflexiva da escrita e leitura, o entendimento de sua importância como comunicação de ideias, aprendizagens, ascensão humana, de registro da história, de crenças, de vivências, de épocas que atravessam os tempos e que registram, por meio da escrita e leitura, a conquista da cidadania.

Para Curto (2000, p. 74),

para que a criança se mostre ativa frente à linguagem escrita que a rodeia - se formule perguntas, estabeleça hipóteses, faça comprovações, etc. - é necessário que tenha a experiência de ver os adultos utilizarem ativamente a linguagem escrita.

A importância atribuída à vida escolar nas famílias é um fator que pode apontar uma tendência estimulante ou repulsiva aos interesses de aprender. É importante lembrar o que diz Magner (1979, p. 3): “desde que você é uma pessoa, você influencia pessoas”.

Na escola, o professor influencia o educando nas diferentes situações e momentos de interação. Essa influência pode sofrer o risco de ser negativa ao processo de desenvolvimento do aluno, devido às diferentes interpretações que possam ocorrer entre ambos. Cada um interpreta à sua maneira e, conforme a sua história de vida, por isso o professor precisa compreender o pensamento de seus educandos.

Nas palavras de Curto (2000, p. 84), “o que se necessita é que o professor entenda a lógica do pensamento infantil e, a partir dela, siga em frente; que sinta o prazer de reconhecer as ideias das crianças, de compreendê-las”.

No entanto, é preciso dizer que o professor não é o único a exercer influências em seus alunos, ele concorre com o mundo que o cerca, com seus amigos, com a família, parentes, ídolos, etc..

Espera-se que a escola consiga corrigir as falhas apresentadas no decorrer da história do processo educacional, preenchendo as lacunas no ritmo e raciocínio das crianças e que passe a considerar o contexto familiar de cada aluno, já que esta influencia no processo de alfabetização.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual, situada no Município de Dona Francisca, com o objetivo de identificar as interferências da realidade sociocultural da família no processo de alfabetização dos alunos de 1ª série do Ensino Fundamental. Para tanto, coletaram-se dados que contribuíssem para o conhecimento da realidade sociocultural dos educandos, a fim de verificar o modo como a escola trabalha com as diferenças socioculturais apresentadas por tais alunos.

Assim, este estudo apresentou uma abordagem qualitativa de pesquisa que, segundo Minayo (1994, p. 22) diz respeito a

questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificada. Ou, seja ela trabalha com o universo de significados, aspirações, relações, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

A metodologia utilizada foi a do tipo etnográfico com abordagem em estudo de caso, porque envolve o contato direto com as pessoas, ou seja, objetos de investigação oral e, há uma unidade a ser investigada que é a sala de aula, tendo como foco os alunos. Outro fator é que esse tipo de abordagem apresenta melhores condições para olhar os aspectos culturais, analisar o processo, aproximar as pessoas das quais coletamos as histórias de vida. Assim, adquiriu-se conhecimentos para estabelecer as interferências da realidade sociocultural na alfabetização.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: questionários e observações. Com o questionário aberto para a professora da turma, perguntou-se a respeito do trabalho realizado na alfabetização e a respeito do desempenho dos alunos. Com o questionário semiaberto para as seis famílias envolvidas na pesquisa, indagou-se a respeito de diferentes aspectos que constituíam o contexto sociocultural de cada família. Com este instrumento, permitiu-se aos sujeitos da pesquisa maior tempo para responderem às perguntas, com dia e horário para fazê-lo, o que contribuiu para se ter respostas mais significativas.

A observação foi realizada, em diferentes momentos, com sete alunos da 1ª série do Ensino Fundamental, no turno da tarde, no período de um semestre, com o objetivo de evidenciar as diferenças socioculturais apresentadas pelos alunos e como o professor as trabalha. Para analisar os dados, utilizou-se a análise interpretativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A REALIDADE SOCIOCULTURAL DAS FAMÍLIAS

Sabe-se que não existe um “modelo” de família e sim uma diversidade de modelos familiares. Ao realizar-se a análise de dados coletados, observou-se que as famílias “A”, “B” e “C” tinham uma nova forma de organização familiar, que se caracterizava por pais separados, pais que nunca viveram juntos e ainda a ausência do pai no tocante do conhecimento por parte do filho. A família “C” constituía-se por oito filhos, uma nora, um neto, pai e mãe e a família “A” por mãe, filhos e avó. As famílias envolvidas na pesquisa frequentam igrejas evangélicas, são de cor negra e de baixo poder aquisitivo.

Segundo Garrison (1971, p. 44),

cada unidade cultural causa um impacto sobre a criança em crescimento, mas talvez, nenhuma exerça efeito tão evidente sobre tantas facetas de sua personalidade como o nível socioeconômico da família. Ele afeta o que a criança dá de si e o que recebe, o que vê em si e em seu ambiente e como os outros a veem, o que julga poder conseguir, quanto realiza com essa capacidade.

As famílias “A” “B” e “C” não possuem emprego fixo, são trabalhadores sem emprego estável, que trabalham como diaristas, as mulheres são domésticas, ajudam a melhorar o rendimento familiar.

Contatou-se que as crianças que fazem parte das famílias “A” “B” e “C” são menos favorecidas, por terem pouco acesso aos meios de comunicação, sendo a televisão o meio mais utilizado para estarem informados. Em suas residências, não possuem microcomputador e os momentos de lazer se restringem a reuniões familiares.

As crianças que pertencem às famílias “A”, “B” e “C”, muitas vezes, não são auxiliadas pelos pais em suas atividades diárias, pois eles têm pouca escolaridade e a maioria não concluiu o Ensino Fundamental.

A criança, ao chegar à escola com sua bagagem oriunda de seus lares, enfrenta um ambiente completamente diferente tanto na parte física como na parte das relações humanas. Essas diferenças interferem no modo de vida do educando e dificultam a sua adaptação.

Por isso, é importante que o professor ofereça à criança um ambiente que atenda às necessidades do processo de alfabetização e, principalmente, às singularidades que os alunos apresentam. Para isso, é preciso consolidar o conhecimento que a criança traz, para que ela sinta-se sujeito de conhecimento e, ao mesmo tempo, atue no sentido de ampliá-lo.

As famílias pesquisadas dispõem de mínima condição necessária à alfabetização, restando somente à escola oferecer um ambiente alfabetizador, onde a criança tenha oportunidade de se articular com a cultura dominante, até para poder modificá-la.

As famílias “D”, “E” e “F” pertencem à classe econômica média, possuem emprego fixo, são de cor branca e religião católica, cujos filhos possuem acesso a vários meios de comunicação oferecidos pela família, como se observa pelas respostas:

Diariamente leio jornais e revistas (Família D).

Para estar informado utilizo jornal, revistas, televisão, internet (Família E).

O contato das crianças com esses materiais é importante porque contribui para o seu desenvolvimento, possibilitando sua inserção no mundo letrado. Em relação ao lazer, as famílias costumam participar de eventos realizados pela comunidade, além das reuniões familiares. Nesse sentido, salientam-se dois depoimentos:

Converso com as crianças, saímos para jantar e visitar amigos (Família E).

Participar de eventos promovidos pela comunidade e passear com a família no interior (Família D).

As famílias “D” e “E” são formadas por pai, mãe e filhos; a família “F”, por mãe e filho, mas nem por isso pode-se dizer que aqueles que estão vivendo com seu pai e mãe vivam melhor, uma vez que família consiste EM um agrupamento de pessoas unidas por laços consangUíneos, com uma história característica. O importante é a família estar unida, ter por base valores como amor, felicidade, solidariedade, confiança, compreensão e atenção.

Segundo Kaloustian (2000, p. 11-12),

a família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e demais membros, independente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e sobretudo materiais necessária ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação e humanitários onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

A família é aquela com a qual a criança mantém contatos mais íntimos e em maior tempo, por isso a criança educada no seio familiar deve ser amada, apoiada e estimulada, pois absorve daí a maior parte dos elementos que integram sua personalidade.

Por meio do questionário, observou-se que as famílias vivem em contextos socioculturais diferentes, mas nem por isso se eximem de suas obrigações, ambas têm o mesmo papel: a formação do indivíduo e do futuro cidadão. Para Gomes (apud OLIVEIRA, 2002, p. 15) “à família cabe a educação informal, socialização primária e transformação do homem em ser social típico [...]”.

A educação que o indivíduo recebe desde seu nascimento provém da natureza, dos homens ou das coisas. Portanto, justifica-se a importância da presença da família no mundo da criança, ela deve educar seus filhos para que tenham moral e valores compatíveis com a cultura em que vivem.

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

As famílias analisadas declaram preocupar-se em participar da vida escolar de seus filhos. Ressaltam que, sempre que possível, procuram auxiliar nas atividades escolares, participar das reuniões e conversar com a professora

regente. Das seis famílias participantes da pesquisa, todas consideraram importante a relação de parceria com a escola. Quando questionadas a respeito da participação da vida escolar dos filhos responderam:

Procuro os professores para saber como está meu filho (Família A).

Revisando os cadernos e indo seguidamente ao colégio (Família E).

Tendo contato com a professora e a direção (Família B).

De acordo com Scoz (1994), a influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, gerando desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar.

Família e escola precisam refletir sobre os mais diversos assuntos, trocando informações para encontrarem soluções dos problemas enfrentados por ambas. É necessário que elas colaborem mutuamente na construção de uma relação saudável, criando formas para se aproximarem. Para isso, é preciso que os pais compreendam a necessidade de estarem presentes no dia a dia da escola, participando das atividades propostas por ela.

Schimidt (apud ROCHA 1995, p. 22) afirma que

seria muito eficaz o desempenho da escola se esta organizasse um currículo em que fosse indispensável à colaboração dos pais [...] Que as reuniões não se limitassem à entrega de boletins ou ocasiões em que os professores podem elogiar ou queixar-se dos filhos.

Na presente pesquisa, os pais, quando questionados sobre o acompanhamento do desenvolvimento escolar de seus filhos, responderam que ajudam nos deveres escolares, proporcionam tempo para o estudo, colaboram na realização de temas e trabalhos.

Preocupo-me muito, tenho contato com a direção e, em casa, eles têm horários para estudar. Acompanho os cadernos e estudo todas as manhãs com eles (Família E).

Todos os dias verifico seus cadernos, seus trabalhos e ajudo nas suas dificuldades (Família F).

Sim, revisando os cadernos, indo pelo menos três vezes por mês no colégio (Família C).

Sim dando tempo para estudar, fazer temas e trabalhos (Família B).

Embora os pais revelem a sua contribuição no processo de escolarização de seus filhos, a professora regente da turma declara insuficiente o apoio dado pelos pais às crianças na realização das atividades de casa:

Várias vezes a família não colabora na realização das tarefas de casa, na retomada da leitura e conteúdos, jogando a responsabilidade de educar somente para o professor (Professora regente).

Considerando o registro da professora, é importante retomar a necessidade da criação de mecanismos que aproximem mais o diálogo entre escola e família, para que ambas possam deixar de lado o ‘velho’ discurso de que essa relação é difícil. Tanto a instituição família quanto a instituição escola são importantes na formação e no processo de ensino-aprendizagem da criança, sendo, sim, complexa, mas não impossível. Juntas devem buscar alternativas para um melhor encaminhamento das situações.

Szymanski (apud OLIVEIRA 2002, p. 49) aborda que:

os conflitos entre escola e a família podem advir das diferenças de classes sociais, valores, crenças, hábitos de interação e comunicação subjacentes ao modelo educativos. Tanto a criança, como os pais podem comportar-se segundo modelos que não são os da escola.

A fala, que segue se refere à relação da escola com a família como algo muito importante para o processo de alfabetização do educando, pois infere fatores como apoio mútuo, acompanhamento e estudo diário, hábitos e atitudes.

Meu relacionamento com os alunos é muito bom e, quando necessário, solicito sempre o comparecimento dos responsáveis. E também a escola promove alguns eventos ‘oportunizando’ o comparecimento da família na escola (Professora regente).

Percebe-se que confere-se à família a necessidade de intervenção diária e acompanhamento na educação das crianças. Para Oliveira (2002, p. 96), “a família é a instituição iniciatória, portanto mais global. E à escola competiria assumir uma fatia da família, pois ambas estão preocupadas com a questão da formação do sujeito para o mundo”.

Realmente, é aproximando as devidas funções da família e da escola que se possibilita coerência entre o discurso e as práticas educativas, já que o educando é um ser que está em permanente formação.

Família e escola devem se juntar e buscar o verdadeiro significado de educar, precisam entender que educar é uma tarefa complexa, porque envolve todo o contexto da criança para seu desenvolvimento físico, moral e intelectual.

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Ao analisar dados da entrevista e dados obtidos com as observações dos educandos da primeira série do Ensino Fundamental, foi possível conhecer alguns aspectos referentes ao processo de alfabetização. Também, para isso, utilizaram-se as contribuições de Ferreiro e Teberoski exposta por Azenha (1999). Foi possível identificar a preocupação da professora alfabetizadora com a alfabetização dos alunos, pois respeita, no seu planejamento de aulas, o nível e o modo de aprender de cada educando ao considerar a realidade que cada aluno está inserido. Quando questionada em relação ao conhecimento da realidade sociocultural de seus alunos, a professora responde que conhece a maioria:

Sim, na sua grande maioria. Na própria sala de aula percebo as carências e as dificuldades de cada um, pois a vida familiar dos alunos reflete dentro da sala de aula. Em relação aos meus planejamentos sempre planejo as atividades que sejam de interesse de todos e que correspondem às suas capacidades (Professora regente).

Durante a observação percebeu-se que os educandos pesquisados reconhecem as letras do alfabeto, os numerais, constroem palavras e realizam operações de adição e subtração. Os educandos das famílias “A”, “B” e “C” apresentam uma limitação na formação de palavras, o que prejudica a leitura e a escrita. Segundo a professora, eles necessitam de um maior acompanhamento e auxílio da família. Conforme Dayrell (1999, p. 140), “o que cada um é ao chegar a escola é o fruto de um conjunto de experiências sociais vivenciada nos mais diferentes espaços sociais”.

O educando da família “A” ainda não conseguiu chegar ao nível da hipótese pré-silábica; substitui as palavras por desenhos, ou usa letras de maneira aleatória sem atribuir nenhum significado correspondente à leitura ou à escrita. A família declara na entrevista que ajuda nos deveres escolares, procura conversar com a professora para acompanhar o desenvolvimento escolar.

A família “B” mantém dois educandos na 1ª série, acompanha o desenvolvimento escolar das crianças B1 e B2. O aluno B1 reconhece as letras do alfabeto, mas apresenta dificuldades na formação das palavras, o que prejudica a leitura e a escrita. Assim, está no nível de desenvolvimento hipótese silábica. Segundo Azenha (1999), a criança nesse nível possui dificuldades na formação de palavras, porém há de se concluir que elas tentam escrever e erram a ortografia.

O educando B2 é repetente, portanto, reconhece todas as letras do alfabeto, embora ainda encontre dificuldade na leitura e na escrita, que poderão ser resolvidas se houver mais atenção e concentração na realização das atividades. O aluno está se dirigindo para um quadro escolar que o coloca à margem do processo de alfabetização.

O estudante da família “C”, também repetente, reconhece todas as letras do alfabeto e consegue construir algumas palavras, mas apresenta dificuldades na leitura. O educando está no nível de desenvolvimento que corresponde à hipótese silábico-alfabético. Conforme Azenha (1999, p. 82), “a criança agora agrega mais letras à escrita, tentando aproximar-se do princípio alfabético, os sons da fala são registradas pelo uso de mais uma letra.”

As famílias “A”, “B” e “C”, por sua realidade sociocultural ser menos favorecida, não oferecem muitos meios que proporcionem o contato com o mundo da leitura e escrita para seus filhos. Já os educandos das famílias “D”, “E” e “F”, além de conhecerem as letras do alfabeto constroem palavras e leem pequenos textos, ou seja, são alfabetizados.

Contudo, sabe-se que desde o seu nascimento as crianças começam a fazer a leitura do mundo, interpretando o que ouvem, leem, pensam e refletem a partir do que conhecem.

O educando da família “D” está no nível alfabético. A criança desse nível escreve de modo a ser entendida. Essa família proporciona contato diário com jornais e revistas, possui acesso à internet, portanto, oferece contato com o mundo da leitura e escrita para seus filhos. O educando da família “E” também consegue formar palavras e ler pequenos textos, realiza as operações de adição e subtração com facilidade e encontra-se, da mesma forma, no nível alfabético. De acordo com Azenha (1999), o educando sente-se seguro, sem medo de errar, conquista uma autonomia desencadeadora de uma série de aprendizagens. Seus erros estão restritos às regras gramaticais.

O educando da família “F”, por sua vez, também encontra-se alfabetizado. Reconhece todas as letras do alfabeto, consegue formar palavras e lê pequenos textos.

O desenvolvimento da alfabetização não depende unicamente de bons métodos e técnicas de aprendizagem. É preciso considerar o contexto em que os alunos estão inseridos, uma vez que as crianças filtram as informações e as transformam em algo significativo para si.

Para Azenha (1999, p. 36), “as crianças interpretam o ensino que recebem, transformando a escrita convencional dos adultos”. A criança que antes de entrar na escola tem contato com o mundo da escrita já apresenta reflexões acerca do mundo da leitura, com esquema de hipóteses já constituídas. Ainda, segundo o autor (1999, p. 47), “mesmo antes de ler, as crianças têm ideias precisas sobre critérios que distinguem textos que servem para ler dos textos que não permitem a leitura. Esses critérios são muito diferentes dos utilizados pelos adultos”.

A família que se preocupa com a alfabetização de seus filhos antes mesmo da entrada na escola e consegue oferecer acesso a materiais que despertem o interesse das crianças proporciona um espaço rico de interação que contribui para o desenvolvimento de hipóteses que vão auxiliá-las no sucesso do processo de alfabetização.

Conforme o autor, as crianças um pouco mais favorecidas economicamente conseguem chegar à escola no nível silábico-alfabético, esse avanço decorre da interação com o meio, que disponibiliza à criança o contato com a escrita convencional. A exemplo disso a pesquisa de Ferreiro e Teberoski, exposta por Azenha (1999, p. 49), contribui para esse entendimento ao dizer que,

no extremo oposto, isto é, mais frequentemente em crianças de classe média, há evidência da construção de critérios qualitativos para definir a legibilidade. Isso não significa que o predomínio é maior nas outras. Esse critério qualitativo não se refere à compreensão do valor simbólico das letras. Raras vezes apareceram condutas que aceitavam cartões para ler porque continham letras e nomes cuja forma escrita era conhecida, e quando isto ocorreu, aqui sempre, foi exclusivo de criança de classe média. Isso indica como as práticas letradas do ambiente social podem fazer avançar a reflexão da criança sobre a escrita antes do início da escolarização.

Percebe-se que o desempenho das crianças envolvidas nessa pesquisa, fica comprometido à medida que a família se afasta do convívio escolar, ou sua presença não se faz suficiente a fim de convencer o educando de que seu bom desenvolvimento escolar é importante e que alguém caminha junto com ele, somando esforços nas subidas e descidas do processo de alfabetização. Por meio

dos dados da pesquisa, conclui-se que os educandos das famílias “A”, “B” e “C” se encontram nessa situação, ou seja, carentes da presença familiar, carentes de um ambiente alfabetizador em suas casas. Muitas vezes, a família não se reconhece como fator relevante, capaz de proporcionar ou retardar o processo de aprendizagem da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do problema pesquisado, que diz respeito às interferências da realidade sociocultural da família no processo de alfabetização dos alunos da 1ª série do Ensino Fundamental, realizou-se uma pesquisa de campo que envolveu como objetivo de investigação um educandário do município de Dona Francisca.

Para melhor compreensão e desenvolvimento deste trabalho, iniciou-se com estudos teóricos em que houve a contribuição de diferentes autores, entre eles, Vygotsky (1988), que nos seus estudos constatou que o indivíduo não nasce pronto nem é cópia do ambiente externo e há uma interação constante entre processo interno e influência do meio social, em que o desenvolvimento é fruto de uma grande influência das interações do indivíduo. Constatação relevante quando se trata de alfabetização.

Esse é um processo de construção que as crianças aprendem interagindo e começa antes de sua entrada na escola, ou seja, se faz presente nas interações familiares.

A família é o primeiro e o fundamental núcleo da educação que se tem. Cada família possui seus valores, princípios os quais transmitem aos filhos à sua maneira, possibilitando aspirações, ideais, desejos, expectativas e estratégias que assegurarão a aprendizagem e ensinamentos de seus filhos.

Segundo Ferreiro (2001), a aprendizagem da criança depende do meio em que está inserida, ou seja, de experiências, habilidades que são ofertadas a ela desde o seu nascimento.

Por isso, a vida familiar e a vida escolar são simultâneas e complementares. Quanto melhor o entrelaçamento destas, mais significativos serão os resultados na formação do ser humano.

Na pesquisa, constatou-se que os educandos que possuem maior acesso ao mundo letrado (televisão, jornais, internet, livros, passeios) possuem maior facilidade de aprendizagem, ou seja, o processo de alfabetização ocorre mais rápido, portanto, conclui-se que a realidade sociocultural da família interfere diretamente no processo de alfabetização do educando.

É urgente e primordial que sejam somados esforços para o desenvolvimento do nível sociocultural da sociedade em que se vive. Para isso, é preciso que os cidadãos estejam aptos a conviver com as demandas sociais atuais e tenham a possibilidade de se ‘igualar’ às pessoas que possuem acesso aos meios de informação, comunicação e leitura, para, conseqüentemente, favorecer o crescimento das ações em busca de uma sociedade mais justa e de condições iguais para todos.

REFERÊNCIAS

AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismos de Piaget a Emília Ferreiro**. 7. ed. São Paulo: ADDR, 1999.

BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 2. ed. São Paulo: Gente, 2001.

CURTO, Luís Maruny; MORILO, Maribel Ministrál; TEIXIDO, Manoel Miralles. **Escrever e ler. Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: Dayrell, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre a Educação e a Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

GARRISON, Karl C. et al. **Psicologia da criança**. São Paulo: Ibrasa, 1971.

KALOUSTIAN, S. M. (Org.). **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**. A Pedagogia Crítico-social dos Conteúdos. São Paulo: Loyola, 1986.

MAGNER, Robert S. **Atitudes favoráveis ao ensino**. Tradução: Darcy da Costa Rodrigues. 2. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1979.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, L. de C. F. **Escola e família numa rede de (des)encontros**: um estudo das representações de pais e professores. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

ROCHA, A. M. T. C. **O papel da família e da escola na tarefa de educar**. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) - Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 1995.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade**: problema escolar e de Aprendizagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/ Edusp, 1988.

